



TOMO XXII

Nº. 8

Agosto de 1981

BLUMENAU

em CADERNOS

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Agosto de 1981

Nº 8

SUMÁRIO

	Página
VOCÊ SABIA	226
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA	228
RIO DO SUL NOS ANOS DE 1908-1912	232
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	234
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	243
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	244
CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA - V	247
ACONTECEU	248
FRÉDÉRIC BRUSTLEIN	250
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU	252
MOVIMENTO NA BIBLIOTECA DR. FRITZ MUELLER	253
TV CATARINENSE DOOU FILMES À FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"	254
BLUMENAU NO SIMPÓSIO NACIONAL DE ECOLOGIA	254
AERO CLUBE DE BLUMENAU EM FRANCA ATIVIDADE	255
A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM	255

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 200,00

Número avulso Cr\$ 20,00 -- Atrasado Cr\$ 30,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 200,00 mais o porte Cr\$ 150,00 total Cr\$ 350,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Você Sabia?...

Frederico Kilian

... que foi Blumenau que por primeiro fez uso do arado na prática da agricultura do nosso Estado, pois, em 1851 o fundador da Colônia trouxe, para o seu estabelecimento, o primeiro arado com o qual alguns colonos iniciaram novos métodos de cultura agrícola, até então desconhecidos na Província?

—*—

... que quem trouxe as primeiras abelhas européias para Blumenau e Santa Catarina foi o Dr. Blumenau, em 1851?

—*—

... que foi nas ruas de Blumenau que começou a rodar o primeiro automóvel que Santa Catarina viu, o que ocorreu em 24 de setembro de 1903 e foi importado pelo Sr. Frederico Guilherme Busch Sênior.

—*—

... que foi em Blumenau que foi plantado, o primeiro "Pinus Elliotis" por volta de 1870, quando o sobrinho do Dr. Blumenau, o Sr. Victor Gaertner, plantou duas mudas desse pinheiro ao lado da Igreja Protestante, no começo da Rua Amazonas?

—*—

... que a primeira fábrica de fósforos no Estado de Santa Catarina, foi instalada em Blumenau, por iniciativa do Sr. Frederico Guilherme Busch, por volta de 1906, que ocupava 15 operários, e uma produção mensal de cerca de 2.000 caixotes, cada um com 120 pacotes de 10 caixinhas de fósforos?

—*—

... que a primeira cidade catarinense, com iluminação pública a eletricidade foi Blumenau, quando, em 19 de fevereiro de 1907, 116 lâmpadas brilhavam nas ruas da cidade, alimentadas por uma usina geradora construída em 1906, na localidade de Gasparzinho pelo Sr. Guilherme Busch Sênior?

—*—

... que a primeira estação de rádio-difusão no Estado de Sta. Catarina, foi a P.R.C. 4, "Rádio Clube de Blumenau", que com um transmissor Phillips, de 500 Watts, fez as primeiras irradiações a 18 de março de 1935?

—*—

... que o primeiro navio a trazer imigrantes alemães para o Brasil, foi a galera holandesa "Argus", que chegou ao Rio de Janeiro a 13 de janeiro de 1824, trazendo 251 colonos e mais 29 homens destinados ao Exército de mercenários?

... que o segundo navio a transportar imigrantes alemães para o Brasil foi a galera hamburguesa "Carolina" que chegou ao Rio de Janeiro a 13 de abril de 1824, depois de 62 dias de viagem, com 162 homens, 16 mulheres e 51 crianças a bordo, destinando-se estes colonos a Nova Friburgo no Estado do Rio?

—*—

... que o jornal "Correio de Blumenau" foi fundado em 21 de maio de 1932 pelos jornalistas Geysa de Boscoli, que era Promotor Público em Blumenau, e José Ferreira da Silva, este último também fundador do jornal "A Cidade" tendo aquele jornal apenas a duração de um ano, com a publicação de seu último número em 17 de maio de 1933?

—*—

... que a agência telegráfica de Blumenau foi inaugurada em 9 de julho de 1890, sendo o seu primeiro telegrafista o Sr. João Corcoroca?

—*—

... que, para substituí-lo na agência veio de Tijucas, a 31 de dezembro de 1894 o Sr. Luis Veiga, exercendo o cargo de telegrafista até sua morte, ocorrida no dia 30 de setembro de 1932, portanto, por quase 38 anos?

—*—

... que em julho de 1924, numa reunião de 35 entusiastas da aviação sem motor, presididos pelo Pastor Enders, de Badenfurt, fundaram a "Sociedade Blumenauense de Aviação (Fliegerbund Blumenau) a qual construiu o primeiro planador no Brasil, que foi concluído em 1927 e batizado com o nome de "Phoenix" no domingo de páscoa daquele ano?

—*—

... que a 4 de outubro de 1909, em uma casa modesta, anexa ao Colégio das Irmãs da Divina Providência, em Blumenau, foi instalado o Hospital Santa Isabel, tendo como médico o Dr. Ernesto Sappelt?

—*—

... que no ano de 1866, 45 colonos moradores da localidade de Badenfurt fundaram uma sociedade escolar, construindo a primeira escola da localidade, que foi inaugurada a 6 de fevereiro de 1867 e que o seu primeiro professor foi o senhor Reynoldo Freygang?

—*—

... que o Sr. Augusto Müller, irmão do célebre cientista Dr. Fritz Müller, que se mudara para Salto Weissbach, ali começou a ensinar em sua casa, alguns meninos em conjunto com seus filhos, tornando-se pouco mais tarde o primeiro professor da Escola construída pela Sociedade Escolar então fundada, a qual dirigiu por 26 anos seguidos?

(Excertos do Vol. IX de Blumenau em Cadernos - Ano 1968)

A História de Blumenau revela:

EXTENSA CARTA DO DIRETOR AO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA, PROCURANDO SUSTAR INVESTIDAS DE APROVEITADORES NA EXPLORAÇÃO FINANCEIRA DAS TERRAS DA COLÔNIA. (Extraído dos originais existentes nos arquivos da Baixa Saxônia, por José Gonçalves).

“O ilustre Dr. Antonio da Costa Pinto Silva, que desde o ano de 1855, em que como Fiscal da extinta Repartição Geral das Terras Públicas redigiu o meu contrato com o Governo Imperial, me honrou de suas amigáveis simpatias e não cessou de me prodigalizar os seus bons ofícios, animando-me nas calamidades por que passei e assistindo-me perante as supremas autoridades do país com que tive de tratar, me favoreceu como de um viático; quando pela derradeira vez, fazendo dois anos, dele me despedia, entre outros amigáveis conselhos, apropriados à minha nova situação de Diretor e empregado do Governo Imperial, também com a advertência de me dirigir com confiança e particular — ou confidencialmente a primeira autoridade da Província, logo que me pareçam perigar os verdadeiros interesses da obra à que havia dedicado e continuaria a dedicar minha vida e forças.

Julgando eu, no presente momento, seriamente ameaçados estes interesses, ousou aproveitar-me daquele conselho e mui respeitosamente solicitar a benévola atenção e, se tanto me for permitido —, o poderoso apoio de V. Excia. para diferentes assuntos que concernem a esta Colônia. Pretendia apresentar a V. Excia. uma memória sobre estes assuntos, mas sabendo quanto é precioso o tempo de V. Excia., reservo a exposição mais ampla e vocal para quando terei a honra de me apresentar pessoalmente à V. Excia., o que pretendo efetuar no mês que vem.

O assunto que desde muito mais me ocupa e inquieta e, ao mesmo tempo, me causa muitos desgostos, intrigas e hostilidades, sem que contudo fique abalada a minha firmeza e fé nos princípios que desde três lustros confesso e procuro realizar, é a conservação do território desta colônia e sertão adjacente para a colonização regular, sistemática e diretamente dependente do Governo Imperial, e a luta que continuamente tenho a sustentar contra os assaltos de uma horda de grandes e pequenos especuladores em terras que fazem os possíveis esforços para arrancar um pedaço após outro deste território e assim se enriquecer às vistas do Governo, como do bem geral. Para alcançarem o seu fim, estes especuladores empregam toda a casta de artifícios e empenhos e muitas vezes até não recuam diante de expedientes malhonestos, para enganarem as autoridades superiores sub-repticiamente obterem o despacho da Presidência, prodigalizando ainda quaisquer promessas de erigirem grandes estabelecimentos rurais ou industriais, de construirem caminhos, etc. . . etc. E como os preceitos estabelecidos pelo regulamento desta colônia e proporcionados à boa ou

má qualidade e situação das terras não lhes fazem conta nem tão pouco a se sujeitarem ao plano geral da colonização desta parte, adotada pelo Governo, dirigem-se logo, com preterição da Direção desta colônia, à Presidência para impetrarem a vil preço e sem ônus algum, as melhores parcelas de terra.

Apesar da minha cautela, não deixei de ficar por diferentes vezes vítima de tais artimanhas, e assim aconselhado, empreguei logo maior circunspecção ao mesmo tempo a Presidência benevolente ordenou que não fosse definitivamente despachado requerimento algum, que se refira à compra de terras, sitas no rio Itajaí, sem eu dar previamente a minha informação. Assim e só assim, e resistindo eu com tenacidade às diferentes seduções e tentativas, tanto como empreendedor particular, como logo mais tarde na qualidade de diretor, foi possível reservar para a execução em grande escala de um bom plano de colonização regular e sistemática e pôr à disposição do Governo o complexo de idôneas terras; que hoje existe para este fim no Itajaí-grande, sendo certo, que se eu tivesse cedido e me desviado da minha vereda, a execução de tal plano atualmente havia de lutar com graves dificuldades, além de ser dispendiosíssima. — Havia, pois, de ser sumamente doloroso para mim, se o que tenho reunido no decurso dos anos, com tantas custas e fadigas e por causa do que tenho afrontado tantas intrigas e hostilidades, ficasse dilacerado e inutilizado para o fim que tive em mira, e que é, de abrir à colonização um vasto e apropriado campo, e evidenciar pela prática; que sendo tratada com sistema e acerto e dirigida com probidade e consciência, ela mesma bem há de cobrir uma grande parte das despesas inerentes e não é o negócio tão ruinoso para a fazenda pública, como geralmente se acredita.

Um exemplo vivo do que avancei sobre especuladores, é o sr. Schadrack, desta colônia, que pretende apresentar-se com seus pedidos a V. Excia. e ao Exmo. Sr. Ministro da Agricultura, como concludo de uma discussão que acabo de ter com ele. Como fim de impetrar da Presidência a compra de uma considerável porção de excelentes terras e uma favorável informação de minha parte, ele se comprometeu formalmente para comigo de estabelecer-se efetiva e pessoalmente nas terras requeridas, com lavoura e engenho de serrar madeira. Procurei, segundo minha consciência, dissuadi-lo de tal empresa e induzi-lo à compra de terra em outra localidade desta colônia e menor extensão, apresentado-lhe as dificuldades a vencer; mas, insistindo ele e repetindo a sua formal promessa de se estabelecer em todo e qualquer nas ditas terras, de informação favorável e então lhe foi concedida a compra de 500 mil braças quadradas, que bem sabia escolher entre as melhores possíveis. Logo porém que se achou na posse delas, não se lembrou mais de promessa alguma e tudo o que fez na área requerida, em que mui comodamente se podiam estabelecer 15 a 20 famílias, se restringiu a uma derrubada e uma picada no mato que lhe servia para chegar à mesma terra. Atualmente o sr. Schadrack acha-se em caminho para a Alemanha com sua família e não é a presumir que volte tão breve, visto que é homem de fortuna e que além da referida terra,

que não lhe pode ser furtado, não deixa cousa que valha a pena da volta.

Antes, porém, de partir, ele se lembrou de que, existindo caminhos e comunicações e achando-se cultivadas e habitadas nas terras adjacentes, as suas naturalmente haviam de subir em valor e produzir na futura venda, um lucro de uns 300 a 600 por cento; e na louvável intenção de conseguir tal resultado, ele fabricou ultimamente nessa capital, uma porção de requerimentos, que todos foram assinados por UM E O MESMO morador da mesma e em que se requereu a compra de terras na mesma localidade. Tendo eu de informar estes requerimentos, apontei na minha resposta ao Sr. Dr. Delegado das Terras, que as terras pedidas pertencem ao território desta colônia, sujeito a regulamento especial e que por esta razão no meu ver deveriam ser vendidas conforme o mesmo regulamento e por esta Direção; 2.º, que as vendas, tanto nesta localidade como em diferentes outras, porém, no atual momento tornam muito inconvenientes, porque atravessam o plano geral do Governo à respeito da colonização do rio Itajaí grande e tornam quase impossível sua execução, sendo o fim deste plano, de ligar esta Colônia por meio de boas estradas e séries não interrompidas de sítios cultivados, que se tem de estabelecer aos lados das mesmas, como a de Dona Francisca e o sertão tudo devoluto, à disposição do Governo e da sistemática colonização, que até se estenda para acima da serra; e finalmente: 3.º, que com uma probabilidade sob estes requerimentos, esconde uma outra nova especulação.

Declarando eu tudo isto mui francamente ao Sr. Schadrack, controvérsia que com ele sustentei à respeito destes requerimentos, e ainda que de certo seria mui incongrue, vender-se a alguns privilegiados a braça quadrada de terra na Itoupava a dois réis e meia légua distante do rio do Testo aos outros colonos em geral, de duplo e triplo, segundo o regulamento, e exprobando-lhe a sua falta de boa fé no cumprimento das formais promessas que me havia feito para conseguir a compra já efetuada, ele alegava, sem se lembrar das minnas advertências anteriores, feitas quando se tratou de alcançar um favorável despacho da Presidência — que com a assistência ou presença de vizinhos não podia fazer coisa alguma, que pretendia estabelecer um engenho de socar arroz e para este fim precisava de colaboradores do mesmo gênero na vizinhança; que um tal grande estabelecimento havia de produzir consideráveis vantagens que eu bem podia deixar aos seus amigos, a vantagem de um preço barato, visto que eles mesmos queriam fazer caminhos. etc. etc. e enfim, que ele havia de apresentar a V. Excía. e se necessário for ao Governo Imperial.

Pode facilmente cair no laço quem não conhecer as antecedentes do Sr. Schadrack nesta colônia e não saber que a sua atividade quase unicamente se restringia à pequeninos negócios e barganha, não deixando ele como vestígio da sua presença nela nem sequer uma sofrível casinha, porque se contentou, apesar de ser homem de fortuna, de morar com sua jovem mulher e tenros filhos, em miseráveis chopa-

nas sem janelas. Para merecerem pois confiança as suas promessas, deveria apresentar alguma garantia mais real e sólida do que sua palavra duvidosa, para não dizer falaz, e era conveniente esperar em que primeiro volte da Alemanha e traga efetivamente máquinas aperfeiçoadas, de que fala. E quanto às promessas de fartura de caminhos etc. por seus protegidos e ele mesmo, há de infalivelmente acontecer o que já tantas vezes aconteceu: os interessados ou obrigados deverão ser constrangidos oficialmente, o que é quase inexequível e muito inconveniente, mas passados alguns anos hão de pedir uma boa estrada, sem contudo lembrar a promessa e o vil preço por que obtiveram suas terras e, afinal das contas, o Governo não poderá deixar e não deixará de carrear ainda também com estas despesas.

Sendo este, mais cedo ou mais tarde, mas infalivelmente o resultado final, porque não há colonização sem boas estradas, entendo que de certo é mais conveniente e faz mais conta ao Estado tornar isto logo inviável e só fazer gastos indispensáveis e colher também os frutos que tais melhoramentos produzem, do que ficar sempre com aqueles gastos e deixar estas vantagens a alguns especialmente. O valor da terra que não tem boas comunicações, é quase nenhum ou só nominal, entretanto, que sendo elas criadas, o valor é muito súbito e real — estabelecendo pois o Estado tão boas comunicações, não é senão razoável e equitativo que cobra dos emigrados pelas suas terras um preço proporcionado e mais alto e que ele mesmo colha os frutos das suas despesas, partilhando do mesmo com a grande massa dos emigrados e não se deixa iludir por uns poucos astuciosos. E ainda não é senão equitativo e razoável que, fazendo o Estado grandes sacrifícios para vantajosamente arranjar os emigrados, e proporcionar-lhes favores, os mesmos emigrados, para desfrutarem tais favores, se subordinem aos planos e vistas gerais do governo à respeito da colonização. Aplicando-se isto ao caso concreto: a vantagem que o engenho de arroz, hoje ainda muito problemático do sr. Schadrack e o estabelecimento efetivo, mas hoje também ainda problemático, dos seus protegidos no ribeirão da Itoupava, podem produzir, não é em proporção ao prejuízo, que se conta à colonização do Itajai em geral, se continuamente se admitem excessões e assim se torna sempre mais difícil e demorada a execução do grande desideratum de alcançar, quanto antes, as terras acima da Serra e estabelecer uma boa comunicação com elas e a colônia Dona Francisca. Logo que este desideratum for alcançado, será tempo de principiar a colonização em outras partes adjacentes, ou suas terras, até então reservadas na vizinhança da beira-mar. Estas, no entretanto, hão de subir de valor e formam um precioso fundo, cuja realização se fará com consciência, circunspeção e economia, valiosamente poderá cooperar para cobrir uma boa parte da despesa já feita com a colonização anterior e ainda a fazer com novas estradas.

Tendo já demasiadamente abusado da paciência de V. Excia., vou acabar.

Ficaria sobremaneira ditoso, se as minhas idéias, a cuja reali-

zação dediquei as melhores forças e anos da minha vida, merecessem também a valiosa aprovação, proteção e benévolo apoio de V. Excia., como tiveram a fortuna, de lográ-lo outros distintos estadistas deste país e ainda espero o instante em que V. Excia. se digne de honrar esta colônia de uma visita.

Aproveito esta ocasião para apresentar a V. Excia. os protestos do meu profundo reconhecimento com que tenho a honra de ser, de V. Excia., muito dedicado, submisso criado e obrigado. — Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau — Diretor da Colônia. Colônia Blumenau, em 14 de maio de 1862 —

Ao Ilmo. e Exmo. Sr.

Conselheiro Vicente Pires da Motta.

Dignissimo Presidente da Provincia”.

RIO DO SUL

NOS ANOS DE 1908-1912

No dia 26 de janeiro de 1908 efetivou-se o primeiro vínculo de união entre os colonos evangélicos de Rio do Sul; portanto, 18 anos haviam-se passado desde que o primeiro habitante se estabelecera na orla da mata virgem, Passariam, no entanto, mais 12 anos, até que essa comunidade recém-formada recebesse curato próprio e se tornasse centro de extensa paróquia. Não existiam então, de maneira alguma, as condições necessárias para cogitar-se na vinda de um pastor em época determinada; pois as 40 famílias lutavam ainda com grandes dificuldades para a manutenção da própria existência, nem de longe podendo pensar na instalação de uma casa paroquial, nem no sustento de um pastor. Mesmo se os colonos estabelecidos em Lontras desde fins do século XIX e em Matador desde início deste século houvessem-se prontificado a auxiliar na instalação de casa paroquial em Rio do Sul, pouco resultado teriam tido. Naquela época cada qual tinha que ocupar-se demasiado com seus próprios problemas, para dispensar algo em prol da causa comum.

Nós, riosulenses de hoje, mal podemos fazer idéia da extensão da renúncia em que viviam os colonos de então. Durante os preparativos para a presente publicação comemorativa, achou-se uma modesta carta de um já há muito tempo falecido veterano de nossa zona, que nos dá uma idéia da solidão e abandono do colono naquela época. Lê-se nas linhas escritas a lápis: “Era justamente pouco antes de Pentecostes, quando um dos meus melhores amigos e eu quisemos visitar uma colônia vizinha, a qual distava cerca de um dia inteiro de nossa cabana. Queríamos saber da vida e atividades de nossos conterrâneos daquela região. Pusemo-nos a caminho, levando algumas peças melhores de vestuário atadas num pano, para lá festejarmos Pentecostes.

O primeiro trecho do caminho foi satisfatório, depois, porém, ficou tão ruim que quase não avançávamos. O barro obrigou-nos a descalçar as botas e a enrolar as calças ao máximo. A cada passo entrávamos na lama até aos joelhos e só a muito custo conseguíamos tirar novamente os pés. Além disso o nível dos ribeirões estava subindo. Não havia pontes. Tivemos que passar por ribeiros com água até os ombros e numa dessas ocasiões quase perdi a vida”.

O fato de Rio do Sul em 1908 contar já com 40 colonos — é claro que nossa crônica só sabe informar sobre os colonos evangélicos; juntamente com os católicos, a respeito dos quais não temos fontes de referência, certamente, o número era bem maior — não quer dizer, como veremos depois, que aqui na confluência do Itajaí do Sul e do Tajaí do Oeste já existisse um pequeno centro colonial. Os lavradores moravam dispersos num raio de 5 km, pelo menos. A maioria dos colonos evangélicos, por exemplo, estabelecera-se Rio Itajaí do Sul acima, região da atual “Albertina”. Durante muitos anos, as únicas construções no centro eram a casa da família Odebrecht (que até 1909 também servia de hotel) e mais cinco casas de famílias luso-brasileiras. Antigamente também a hospitaleira Sra. Vicente Leite acolhia os hóspedes viajantes. No ano de 1909 o blumenauense Walter Baumgarten construiu um hotel e anexo a primeira padaria. Poucos meses depois haviam-se também as primeiras marteladas na bigorna da nova ferraria instalada por Edgar Odebrecht.

Só então — era o ano de 1910 — o lugar da confluência dos rios Itajaí do Sul e do Oeste transformou-se num próspero centro colonial, tomando forma uma pequena vila; uma outra fonte histórica aponta-nos que naquela época estabeleceram-se em Rio do Sul o marceneiro Adolf Hoeltgebaum, o alfaiate Gustav Berndt e o sapateiro Karl Gerhardt. Dois anos antes fora instalada uma farmácia por Oskar Bremer, também primeiro presidente da comunidade escolar e eclesiástica.

Grande incentivo do progresso do vilarejo foi a instalação de uma Agência de Correios e Telégrafos, confiada a Rudolf Odebrecht em 1910 tendo sido após agraciado com o título oficial de “vila”. Houve então duas vezes por semana um estafeta postal que circulando entre Aquidaban (Apiúna) e Rio do Sul, ligava a vila ao exterior. Esse serviço tão importante de estafeta postal que era feito regularmente, também meio a chuvas e temporais, lutando com a estrada lamacenta da “Subida”, foi assumido por Otto Wehmuth, sendo pouco depois substituído por seu irmão Max. Este realizou as fatigantes viagens postais desde 1911 até 1924.

No ano de 1912 o desenvolvimento de Rio do Sul, Lontras e Matador chegou a um ponto — as três colônias contavam com várias centenas de famílias — que foi elevada a Intendência autônoma do município de Blumenau. Recebendo o nome de “Bela Aliança”, teve como primeiro intendente Gustavo Brandes, proprietário de uma cervejaria.

Durante esses anos puderam ser realizados somente de dois a três cultos anuais na modesta igrejinha de madeira, embora os col-

nôs, sem dúvida, ansiassem por ouvir mais da palavra e consolo divinos. No entanto, a Igreja-mãe da Alemanha, pôs à disposição apenas um Pastor-Itinerante para esse serviço “à margem da civilização” o qual, além da nossa, servia ainda a diversas outras colônias novas do Estado. Os riosulenses evangélicos, no entanto, já se sentiam felizes e gratos por não terem sido esquecidos totalmente. Por isso mesmo, esses poucos dias por ano em que se celebravam cultos divinos eram dias festivos e feriados, ocasião em que o Pastor permanecia diversos dias entre eles (morava na casa da família Odebrecht), trazendo-lhes palavras da salvação e conforto espiritual, batizando as crianças recém-nascidas, abençoando as novas uniões conjugais e confirmando após exame os jovens preparados pelo professor.

Uma nota do Registro Paroquial informa-nos sobre o Pastor Hobus, que fundou a comunidade em 1908 e serviu nossa região até 1910, tendo lutado pela construção da modesta escola-capela com todo o empenho e também donativos pessoais em dinheiro. Graças a seu empenho também, já a 4 de julho de 1909 eram registrados oficialmente os primeiros estatutos da comunidade, publicados a 10 de julho do mesmo ano no jornal de Blumenau.

(Da Crônica da Comunidade Evangélica de Rio do Sul, compilado por P. Hermann Stoer)

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

— II —

O inverno de julho daquele ano de 1852 não foi dos mais fortes. Apenas uma leve geada sapecou os canaviais, mandiocais e algumas hortas.

A propaganda feita pelo Dr. Blumenau nos anos de 1850 e 51, começou a surtir os seus efeitos benéficos. Naquele ano de 1852, já tinham chegado mais de cem imigrantes. E a colônia começava a ter nova vida e a se movimentar melhor, com mais intensidade populacional, o que agradava não só a Reinhold Gaertner, como ao Dr. Blumenau, que já morava com o seu sobrinho, na nova casa, construída por Friedenreich, um dos primeiros colonos, que sempre se manteve fiel ao colonizador. Num preito de gratidão e querendo mostrar também o quanto amava a terra que abraçara como sua segunda pátria, cons-

truiu a casa com relativo conforto para a época, começando-a no início de 1851 e terminando-a no começo de 1852.

Só uma coisa preocupava ainda o Dr. Blumenau: a falta de notícias de seu amigo, Dr. Fritz Mueller.

Em São Francisco o Dr. Fritz Mueller que ali chegara há mais de uma semana, depois de uma viagem no "Florentina", de mais de um mês, e cheia de peripécias, andava pelas praias, descalço, calças arre-gaçadas, sem paletó, com um grande chapéu de palha que comprara de um caboclo. O excêntrico sábio, que falava português tão bem como o Dr. Blumenau, andava recolhendo caracóis, caranguejos, sambaquis, tudo enfim que nas praias ou córregos que davam para o mar tivesse vida ou não. Era o naturalista em contato com o seu mundo material, com a natureza.

Até então, continuava ainda indeciso, sem destino certo a tomar. A maior parte do seu tempo, ele passava nas praias, se misturan-do, com a sua barba imponente e o seu vasto bigode, com os caboclos e pescadores, a sua bolsa de couro a tiracolo, nela colocando tudo o que apanhava nas praias, córregos e rios.

Durante a viagem do "Florentina", o comandante, um portu-guês de grandes bigodes e barba cerrada, conversando com Fritz Muel-ler que já conhecia através da literatura sobre a "Colônia Dona Fran-cisca", para onde o seu navio levava muitos imigrantes alemães, disse-lhe:

— Dr. Fritz Mueller, eu não lhe aconselho ir para a "Colônia Dona Francisca".

— Mas, porque, comandante?

— Porque muitos colonos que lá foram voltaram por não se adaptarem ao clima por demais quente e úmido. Pelo menos é o que sempre me diz o meu agente aqui de São Francisco.

— E a Colônia do Dr. Blumenau, no alto do Itajaí-grande?

— Não lhe posso informar, Dr. Fritz. O "Florentina" nunca a-dentrou aquela barra difícil e complicada. Mas, segundo os comentá-rios aqui em São Francisco e no Desterro, não é lá grande coisa. Está muito metida na selva bruta.

— Pois é precisamente isso, comandante, que me interessa. Bem, mas este é um assunto para se resolver com mais vagar. Assim que saltarmos em São Francisco. Muito obrigado, comandante, pelas informações.

Na praia, Fritz Mueller, em seus trajés simples, descalço, co-mo qualquer caboclo ou pescador, foi abordado:

— Como é, companheiro, tua cara é nova aqui. — Era um pes-cador que, ao cair da tarde, já um tanto bêbado, garrafa na mão, olha-va desconfiado e bem perto do rosto de Fritz Mueller, que se afastou porque o cheiro de cachaca lhe embrulhava o estômago. Fazendo uma careta de repugnância e abaixando-se para apanhar caracol bem perto de seus pés. — Tás também bêbado, hein? Com essa cara feia tás to-mando pinga vagabunda? — E insistindo para que provasse da sua, levava sua garrafa quase junto à boca de Fritz Mueller, que se afastava

sorrindo. — Toma home! Prova que é da boa! Depois, vendo que o sábio estava com um caracol na mão: — Chiiii! Pescador que deixa o mar pra pescá caracol... tá perdido... é o fim da picada, companheiro. — E lá se foi, cambaleando e dando risadas.

Fritz Mueller o ficou olhando, até se perder de vista, no fim da praia. E gozando a confusão do pescador, e achando que o “colega” tinha razão, ele concluiu parecer-se mesmo com um pescador, e isto muito o divertia.

No dia seguinte, à tardinha, encontrou um caboclo que lhe perguntou:

— De onde é que o sr. vem, moço?

— Tu não és brasileiro, não é?

— Sou alemão, mas falo bem a sua língua!

— Bem... bem... é... mais ou menos, dá de entendê, sim!

Eu venho da vila, moço!

— Tem muitos colonos lá?

— Tê, tem, sim. Mais muito tão indo sinhora, quando dá a febre e a tremedeira. Não fica um alemão de pé!

Aquela informação simples do caboclo para Fritz Mueller foi decisiva. Voltou logo para a pensão e tomou providências.

— Augusto, vamos contratar um ou dois caboclos que conheçam as picadas para a vila de Itajaí. Amanhã vais até lá e te informarás como chegar à Colônia do Dr. Blumenau, no Itajaí-grande.

— Ontem conheci dois caboclos que vieram de lá, e eles moram aqui perto na praia; amanhã cedinho vou procurá-los, conversar e combinar com eles a minha viagem, Fritz.

— Augusto, vou te dar uma carta para o Dr. Blumenau, a fim de que me informe tudo sobre a sua Colônia. Mas tu vais ver, olhar tudo. A mata, os rios, a terra e a topografia da Colônia, e se já tem muitos colonos. Quando eu estive com o Blumenau na Alemanha, ele me disse que tinha acertado a ida de 250 colonos. Portanto, deve ter muitos colonos lá. Examina tudo muito bem e volta logo que puderes, para resolvermos de vez o nosso destino. Dá um grande abraço no Dr. Blumenau, porém, não digas nada sobre a minha ida. Eu a resolverei só depois da tua volta.

Um dia depois, em companhia de dois caboclos, Augusto rumou para a vila do distrito de Itajaí.

— III —

Ângelo Dias bebericava uma pinga na venda do Major Agostinho, fazendo hora para o jantar. Quando chegou à porta, eram pouco mais de cinco horas da tarde, viu a bandeira içada no lado de Navegantes:

— Olha lá, seu Júnior! Tem passageiro do lado de lá. Cadê o Sacavem? Não tá aí. Então, vou eu.

Depois de procurá-lo em vão por todos os lados, ele mesmo

foi fazer o biscate. A sua canoa, estava bem defronte, no barranco do rio.

Em Navegantes, Augusto Mueller e os dois caboclos chegaram e foram em busca de uma canoa, que se achava sobre a praia, sem ninguém por perto e a pouca distância de uma cabana de pescador. Bateram palmas:

— Qui é qui há, moço? — Perguntou a mulher do pescador.

Augusto falou num péssimo português, que a mulher, que pitava um cachimbo de barro, nada entendeu.

— Olha, seu moço, não sei o que ocê tá falando. Inté que papagaio fala mió que ocê! — Virou-se para os caboclos que o acompanhavam e perguntou:

— Qui diabo de língua é essa, moço?

— Alemão, dona! — Eles responderam quase ao mesmo tempo.

— Ocês qué i pro lado di lá?

— É sim, moça; é isso mesmo, moça!

E ela, num risinho debochado:

— Quem mi dera qui fosse mo... ça! — E imediatamente começou a gritar pelo filho: — Joãozinho! Oh,... João... zinho! Vai vê qui esse desgramado cumeu goiaba verde e se meteu no mato cum dô di barriga! Joãozinho...

— Qui é mãe, tô aqui!

— Onde tu tava, rapaz?

— No mato, mãe, fazendo um serviço!

— Trepá no pau e bota a “bandeira”, pra avisá qui tem passageiro pra travessá, rapaz!

Joãozinho, rápido, correu e trepou no pau da bandeira e em pouco uma camisa velha do pai tremulava no topo do mastro. Era a “Bandeira” que o Ângelo vira da venda do Major Agostinho.

A mulher, depois de içada a “bandeira”, deu as últimas ordens:

— Ocês agora senta naquela pedra e espera a canoa, qui não demora taqui!

Augusto compreendeu, sorriu, agradeceu e deu para o garoto uma moeda de cobre de um vintém. Imediatamente, ele entregou à sua mãe que olhou a moeda, fixou bem Augusto, virou as costas e, entrando em casa, foi resmungando alto:

— Alemão desgramado, além di falá qui nem papagaio, ainda é miseráve, te esconjuro. Benzeu-se, — Cruz crédo! — Sumiu no interior da cabana, enquanto os três, sentados na pedra, olhavam a canoa que se aproximava.

Não demorou, Ângelo atracava a sua canoa na praia:

— Tão precisando de condução, gente?

— Todos abanaram as cabeças, concordando, e foi Augusto quem falou. Porque o seu irmão sempre dizia: — “Augusto, se queres aprender o português, que é língua difícil, bem complicada, vai falando de qualquer jeito. Mas fala sempre, porque senão nunca aprenderás esta língua, que é o latim de ossos quebrados”. Augusto seguia à risca o

o sábio conselho do seu sábio irmão. E falava tantas vezes quantas fossem precisas. Sem cerimônia, e tinha sempre um sorriso amável para os deboches ou as criticas ao seu trôpego linguajar.

E respondeu ao Ângelo, dizendo-lhe que precisavam sim, no seu modo todo especial de falar o português. Ângelo sorriu e, virando-se para os caboclos:

— Esse cara é alemão, não é?

Augusto sorriu e, radiante, falou por todos:

— Sim!... Sim!... A... le... mão! Sim!...

— Para onde vocês vão?

Augusto mostrou-lhe a carta para o Dr. Blumenau, e foi a vez de Ângelo ficar satisfeito e convencido:

— Puxa! Pro Dr. Blumenau? Ele é meu amigo! Tá lá na Colônia dele! Bem lá em riba. Daqui umas vinte e quatro hora de boas remada!

— Sim!... nós vai... lá... lá... E apontando para si mesmo e nervoso: — Pode... levá lá?

— Vamos primeiro atravessá o rio, adepois se hospedá na Casa de Pasto do Major Agostinho. Comê, dormi e, de manhanzinha, nós vamo pra Colônia, tá certo?

— Sim, — respondeu, alegre, Augusto. Ele e Ângelo já começavam a se entender, de vez que Ângelo era um especialista em falar com colonos.

— Como é seu nome, moço?

Augusto, sério, não respondeu. Não entendera. Ângelo fez gestos, como quem escreve, assina o seu próprio nome. Novo, grande e largo sorriso de Augusto:

— Au... gus...to! Certo?

— Tá melhorando pra burro!

Já conversando muito, eles atravessaram o rio. Eram como se já fossem dois velhos amigos.

Quando o Dr. Blumenau recomendou ao Major Agostinho muita atenção para quando desembarcasse, em Itajaí, o Dr. Fritz Mueller, que era seu velho e querido amigo, Ângelo estava junto e escutou toda a conversa. Estava, pois, atento para qualquer alemão que chegasse. Sabendo que Augusto era irmão dele, pela carta assinada por Fritz Mueller, tratou logo de conquistar as boas graças de Augusto, o que não lhe foi difícil.

Já estava anoitecendo, quando eles chegaram à Casa de Pasto do Major. E Ângelo, satisfeito, apresentou Augusto ao Major:

— Não é o tal do alemão sabido. Mas é quase a mesma coisa.

— Como assim, quem é então?

Augusto entrou logo na conversa:

— Mim é irmão de ele!

— Até que já está falando alguma coisa da nossa língua, heim Ângelo? Muito prazer! Esteja à vontade. Mas como é o nome dele?

— Au... gus...to — disse sorrindo, o novo hóspede do Major.

Era começo de agosto. Na véspera, com o frio que ainda fazia,

os pescadores tarrafearam, no pontal, um bonito cardume de tainhas gordas e ovadas. E Augusto foi homenageado com uma bela tainha recheada, que dona Ana sabia preparar como ninguém. Ele saboreou o gostoso prato e a boa caninha.

O Major Agostinho olhava os dois jovens amigos e pensava: — “Este está no papo, e o irmão dele também estará, se cair, como ele, nas mãos do Ângelo, que está de olho vivo no tal do Dr. Fritz Mueller que, segundo o Dr. Blumenau, é uma sumidade. Como será ele? Se for como o irmão, não sei não. Mas, ele, com toda certeza, é como aqueles homens de cabeleira branca, postica, de corte dos franceses. Um nobre, um sábio, como tão bem dele falou o Dr. Blumenau.

E com esses pensamentos bonitos sobre Fritz Mueller, terminaram o jantar e na manhã seguinte, bem cedo, Augusto e Ângelo seguiram para a colônia. Os dois caboclos ficaram aguardando a volta de Augusto.

— Ângelo, faça tudo para agradar este alemão, porque é ele quem vai levar as informações para o Dr. Fritz Mueller. Se ele não gostar, o sábio não vem para cá. E não te esqueças das recomendações do Dr. Blumenau, que você ouviu muito bem!

— Pode deixar! Pode deixar compadre, que eu sei bem! Tô levando uma cachaça da boa, e eu já me entendo bem com ele, fique tranqüilo, compadre, que este tá no papo. Agora, o irmão dele, com toda aquela presépia de sabidão, já não é comigo e, sim, com o compadre. Que é bom de leitura e saber.

Augusto era também um excelente remador e, ao amanhecer do dia seguinte, eles partiram para a Colônia do Dr. Blumenau.

IV

A viagem corria animada. Dona Ana havia-lhes preparado comida gostosa para o almoço e para o jantar. Um ótimo farnel.

Os planos de Ângelo era dormirem na casa dos Lucas, em Poínhoc. Peter Lucas tinha influenciado muito o Dr. Blumenau, quando ele também lá dormira, na primeira viagem que fizeram. E muito falou em alemão com os Lucas. E repetir, muito ajudaria Augusto, uma boa conversa em alemão com os Lucas, pois já devia estar cansado de falar o seu mau português.

Quando passaram por Belchior, Augusto quis saltar, mas Ângelo convenceu-o de só saltarem na volta.

A Colônia dos Belgas não ia muito bem e Augusto se poderia impressionar. O que era um péssimo começo de viagem. E isto não fazia parte dos planos de Ângelo, nem era esta a missão que tanto lhe recomendara o seu compadre.

O dia estava agradável. O sol brilhava num céu azul, sem nuvens. Ele bem percebia que Augusto olhava, ora para um, ora para o outro lado, sempre com muito interesse e grande atenção. E o rio parecia ter se preparado para bem impressioná-lo, correndo, manso

e delicadamente, por entre as suas margens cheias de aguapé em flor. Era a proximidade da primavera nesse começo de agosto.

As antas, capivaras e porcos do mato chegavam até a beira do rio, atraídos pelo barulho das remadas firmes e compassadas do valente canceiro. E Augusto exclamava, deslumbrado: “Lindo”, “Bom!”

Ângelo ia-lhe dizendo o nome dos animais e dos pássaros que se viam nas árvores da mata virgem, que vinha até às margens do rio. As aves pareciam alegres e faceiras. E pousando de galho em galho, como que assistiam à passagem da canoa, que, deslizava por entre aguapés floridos, nas águas mansas que pareciam um espelho refletindo o verde exuberante da floresta!

O sol já estava a pino. Eram doze horas. E Ângelo resolveu parar para o almoço, num remanso, debaixo de um gigantesco cedro, bem perto da margem, e que ele sabia ser a árvore preferida dos sabiás, pericuitos, gaturamos, sanhaços, tucanos e a sua alegre, linda e negra graúna!

Ângelo conhecia bem os segredos daquele rio estupendo, que ele tanto amava e tudo fazia para que todos que nele navegassem também o amassem. E Augusto, para ele, era um viajante especial. Tinha, pois, que bem impressioná-lo totalmente, até o âmago do seu coração de imigrante e irmão de um sábio.

Quando ele abriu o bernal, o cheiro da tainha e da galinha recheada tomou conta da canoa. Augusto arregalou os olhos e levantando o rosto abriu as narinas, deliciado:

— Bom! Cherrroso! — e, estalando os lábios, estendeu as mãos: — “Mim qué... comê... comê!”

Ângelo sorriu e fez com a mão:

— Um momentinho, Augusto! — Rápido, tirou a garrafa da cachaça debaixo do banco e mostrou-a para o companheiro, erguendo-a bem alto.

Augusto quase soltou os remos ao dar uma gostosa gargalhada.

Depois de levar a garrafa à boca, deu um estálido de lábios, dizendo:

— Bom... mais... mais... um!

Ângelo, sorrindo lhe deu a garrafa e ele, feliz:

— Ângelo!... vo... vo... cê... tá um bom com... pa... neira!

— Não, Augusto, não! Companheira. E Ângelo, mostrando seus peitos e fazendo movimento com as mãos como se tivesse seios grandes: — Assim é companheira. E mostrando seu peito liso, disse: — Assim, companheiro!

Augusto, inteligente, e querendo falar o português a todo custo, gostou da ilustração mímica de Ângelo e deu outra gostosa gargalhada, porque havia bem compreendido, o que era: feminino e masculino.

Depois do almoço, enquanto descansavam, Ângelo, danado da vida porque a graúna não aparecia na árvore, e Augusto, encantado

com o bico exagerado dos tucanos e o colorido de sua plumagem, o verde dos periquitos, o marrom dos sabiás, o azulado dos sanhaços e os papos amarelos dos bem-te-vis e a graúna, nada de aparecer. Ângelo já perdera a esperança, quando de repente, bem perto de Augusto, ela pousa, elegante e faceira, parecendo a “prima-dona” que surgia para encenar aquele espetáculo, a que Augusto assistia deslumbrado.

Quando ela pousou, Ângelo sabia que ela ia dar o seu grito estridente e forte, mas ela fazia suspense, para mostrar o seu negro que reluzia iluminado pelos raios do sol, estufou o peito e soltou o seu grito forte e agudo, que ecoou por toda a mata.

Augusto, admirado, sorriu e de boca aberta:

— Marrravilhoso!

Ângelo, feliz, sorriu. Ele sabia que a sua graúna estaria presente na festa da conquista de Augusto.

Rumaram para a casa dos Lucas, distante dali umas cinco horas.

V

Chegaram à casa dos Lucas ao cair da tarde. Já era quase noite. Ali dormiram e tudo saiu melhor do que Ângelo esperava. Ele não tinha mais dúvidas de que as informações que Augusto levaria para o seu irmão seriam as melhores possíveis. E o Dr. Blumenau se encarregaria do resto.

Quando chegaram à Colônia, todos já estavam trabalhando e o Dr. Blumenau, na sua nova casa, tomava café, na companhia de Reinhold.

Augusto foi apresentado por Ângelo:

— Tá aqui o home, Dr. Blumenau! A homem que o sr. tanto esperava!

O Dr. Blumenau assustou-se e pensou fulminante: “Santo Deus, confundiram Fritz Mueller, com este imigrante!” E perguntou, nervoso::

— Mas este, sr. Ângelo, não é o Dr. Fritz Mueller!

Augusto sorriu, enquanto que Ângelo respondeu notando a decepção do Dr. Blumenau.

— Não é! Mas quase que é, Dr. Blumenau, porque seu Augusto é irmão dele.

O Dr. Blumenau sorriu aliviado e cumprimentou feliz, Augusto, apresentando-o logo a Reinhold.

Augusto, que já estava com a carta do seu mano na mão, deu-a ao Dr. Blumenau que pediu licença, deu-a com sofreguidão. Estava por saber o que realmente queria o amigo tão esperado.

A carta pedia informações várias sobre a Colônia. Mas, o Dr. Blumenau percebeu que tudo, para Fritz Mueller, dependia da impressão do irmão sobre a sua Colônia. Por isso, o mandara. Apressou-se, pois, em saber se Augusto tinha gostado da viagem e se tinha observado tudo bem. Enfim, o que ele achava de tudo o que vira. E, nervoso, aguardou a resposta:

— Vou lhe falar em português. E, num linguajar que mal dava para entender, ele tentou explicar E isto porque o Dr. Blumenau lhe recomendara que assim o fizesse.

E o Dr. Blumenau, para agradá-lo:

— Sim, sim, Augusto. Já está falando muito bem. Continue.

— Muito o . . . bri . . . ga . . . — Ele olhou para Ângelo e ele pôs a mão bem encostada em seu peito, — o . . . bri . . . ga . . . do!

Foram tomar café, e Augusto confessou que não precisava ver mais nada. Tudo o que vira até ali, fora da Colônia e mesmo na Colônia, muito o agradara. Terra, mata, rio, córregos, tudo era formidável. E informou que o seu irmão, sua mulher e filhinha, bem como ele próprio com sua mulher, viriam para a Colônia o mais breve possível.

O Dr. Blumenau ficou radiante. Reinhold correu para apanhar uma garrafa do bom vinho alemão, que trouxera para tomar numa grande data ou num grande momento. E ele aí estava.

O Dr. Blumenau aprovou, pois, a atitude do seu sobrinho e todos eles brindaram à chegada de Augusto, contentes com a sua apreciação sobre a Colônia e a região.

Enquanto todos comemoravam, Augusto lembrou-se que traira o irmão, visto como não era para dizer nada se viriam ou não para a Colônia do Dr. Blumenau, o que só deveria fazer depois de regressar para São Francisco. Mas ele, a isso, não deu maior importância, de vez que sabia que o irmão o perdoaria quando tudo lhe contasse.

Naquela mesma noite, Ângelo tomou um de seus memoráveis “porres” e Augusto o acompanhou, juntamente com Reinhold. Só o Dr. Blumenau foi para o seu aposento bem cedo, a fim de responder a carta do amigo e anexar um pequeno relatório de tudo que ele lhe pedira.

Dois dias depois, Augusto e Ângelo regressavam a Itajaí e no dia 20 de agosto de 1852, adentrou a barra de Itajaí o barco alugado por Fritz Mueller, para trazer sua família e a do seu irmão, para a Colônia do Dr. Blumenau.

(Continua no próximo número)

Banco do Estado de São Paulo SA

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução:
Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), editado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 30 de julho de 1870

Colônia Blumenau. — A atual direção da colônia acaba de receber novamente 6:000\$000 Réis para as despesas de administração. A direção havia pedido maior verba, mas como na tesouraria da Província existiam somente 12:000\$000 Réis para o serviço de colonização, Blumenau teve de se contentar com menor importância, pois é preciso atender igualmente a Colônia de Itajaí. O diretor de Blumenau foi incumbido de fiscalizar o caminho que vai de Blumenau a Itajaí, para a sua conservação e reconstrução. Os moradores daquela via pública tem a obrigação de cortarem o mato nas suas divisas, sete e meia braças, à direita e à esquerda, ao menos uma vez por ano. Comunica-se também que o caminho, declarado de utilização pública, não pode ser fechado por meio de cercas, e as já existentes deverão ser retiradas.

Notícia do mesmo dia

Colônia Blumenau. — O atual agrimensor desta Colônia, J. Breithaupt, foi destituído de suas funções e em seu lugar foi nomeado Emil Odebrecht. O mesmo deve receber o ordenado de 150\$000 Réis mensais, sendo que este ordenado somente será entregue após a apresentação dos mapas com o visto da direção da Colônia e dos membros da "Kolonie-Ausschuss" (Comissão da Colônia). O agrimensor Odebrecht deverá apresentar semestralmente relatório sobre os trabalhos executados.

Notícia do mesmo dia

Colônia Blumenau. — A direção da Colônia foi encarregada de pagar ao Padre Röer, pelos objetos trazidos da Alemanha para os serviços da igreja, a importância de 100\$000 Réis.

Notícia de 19 de março de 1870

Campo de Batalha. — Lopez morreu e com isto termina a guerra. Esta notícia alvissareira para todo o Brasil chegou a Desterro a 12 de março pelo navio Werneck que trouxe de volta do campo de batalha o 23º Batalhão de Voluntários. Ainda faltam pormenores. Pelo telégrafo veio a seguinte notícia: a 1º de março, às margens do Aquidabã, as forças do General Câmara alcançaram Lopez e no combate que se estabeleceu, este foi gravemente ferido e como não quisesse entregar-se foi morto. Sua mãe, uma irmã, muitos oficiais de diversas patentes, entre eles o General Resquim, foram presos. Madame Lynch conseguiu escapar em direção à Serra, em companhia do General Caballero.

Este telegrama, segundo comunicação oficial do General Câmara ao quartel general, não deixa dúvidas sobre este importante acontecimento.

A coleção do "Kolonie-zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

Extraído do jornal "Der Urwaldsbote"

Nº 32 de 21.10.1908 — BERNHARD SCHEIDEMANTEL, Dia 20 de Outubro à noite faleceu Bernhard Scheidemantel, com a idade de 74 anos. Nasceu no ano de 1834, em Braunsdorf perto de Merseburg, Província da Saxônia e aprendeu o ofício de litografia. Após ter servido no 36º Regimento de Infantaria em Halle e Weissenberg, emigrou, no ano de 1860 com seu pai para Blumenau onde contraiu matrimônio no ano de 1862. Mais tarde fundou uma tipografia e em 1883 editou o jornal "Immigrant" que circulou até o ano de 1891, um jornal otimamente redigido que em pouco tempo conseguiu larga circulação entre a população da Colônia. Seus artigos eram de um estilo fluente e manejava ele a pena com muita habilidade.

Possuía um humor imperturbável, o qual não perdia mesmo nas mais renhidas disputas políticas mantidas com seus opositores na imprensa local. Estas lutas foram mais agressivas e ferrenhas após a proclamação da República, com a qual o "Immigrant" não queria se conformar, dado sua convicção política.

Intrigas da política local, que ameaçavam sua independência até então mantida a todo o custo, fizeram com que Scheidemantel resolvesse terminar com o seu jornal, publicando no dia 6 de abril de 1891 a "Nota de falecimento do Immigrant". — Nesta "Nota de falecimento", fez o necrológio de seu jornal dizendo — "Para poupá-lo o (jornal, da iminente ignomínia, eu mesmo lhe dou o tiro de misericórdia, não obstante dos grandes sacrifícios pessoais e pecuniários que não poupei para o criar e manter. Quem tiver vontade, que o ressuscite". Agradeceu ainda a todos os colaboradores pela abnegada colaboração e empenho para tornar o "Immigrant" num jornal respeitado e aos leitores pediu que o guardassem em boa memória, afirmando que sob sua orientação o "Immigrant" nunca serviu a interesses pessoais ou particulares, nem a manobras escusas. —

GAFAHOTOS: Na primeira quinzena de outubro de 1908, os gafanhotos adentraram novamente na região do Rio Adda e Rio Joanna, causando grandes estragos sendo esta a terceira vez que a plantação de milho foi destruída e agora os colonos tiveram que plantar o milho pela quarta vez. Terminada a destruição das roças de milho, os gafanhotos pousaram nas árvores, sendo sacudidos pelos colonos que os recolheram em sacos. O resultado desta colheita foi de 23 arrobas e 10 kg (355 kg) que foram jogados, com os sacos em caldeirões de água fervente, mas os gafanhotos que se achavam na parte central dos sacos ainda estavam vivos ao retirarem os sacos da fervura.

Nº 36 de 31.10.1908 — CADEIA PÚBLICA: O novo prédio da cadeia pública acha-se concluído e suas instalações, mormente quanto ao conforto e higiene correspondem à necessidade e fins a que se destina. Há uma sala para as inquirições, uma cozinha para o destacamento policial e outra para o carcereiro. Uma escada dá para o piso superior onde é o alojamento dos policiais e outra partindo da cozinha, leva aos cômodos que servem de moradia ao carcereiro e sua família. As celas estão situadas na parte dos fundos, sendo uma grande e cinco menores. Cada cela tem um vaso sanitário com caixa de descarga, de forma que não é mais necessário os presos atravessarem a rua, sob vigilância dos soldados para despejar os balde com fezes, pois há uma fossa construída a certa distância do prédio, ligada por canalização às celas. Há também um quarto de banho com banheira e chuveiro. A água para o chuveiro e banheiro é bombada para uma caixa d'água na parte superior do prédio. Desta forma as condições de higiene nada deixam a desejar.

Nº 37 de 4.11.1908. — Os jornais "Der Urwaldsbote" e "L'Amico" de Rodeio comentam, o primeiro com os argumentos da Lei Civil e este último, segundo o dogma da igreja, o discurso proferido no Congresso Jurídico, pelo Procurador Geral do Estado, Dr. Thiago da Fonseca, acerca do divórcio.

Nº 38 de 7.11.1908. — BUGRES: No dia 31 de Outubro os bugres irromperam novamente na localidade de Pinhalsinho, a 16 km distante de Pouso Redondo e mataram o lavrador João Freitas. As casas de João Freitas, João Adão e Augusto Freitas, moradores daquela localidade, foram saqueadas, tendo os bugres ainda matado grande número de gado e pelo que as autoridades locais haviam solicitado providências ao governo, tendo o Governador prometido tomar as necessárias medidas preventivas. Estas, porém, não foram tomadas e o resultado foi a morte de um lavrador e a perda de animais e dos bens de outros moradores.

Nº 38 de 7.11.1908 — ESTRADA DE FERRO. No dia 3 de Novembro a primeira locomotiva atravessou o ribeirão da Velha sobre a ponte recém-construída, fazendo o trajeto de Itoupava-seca até a rampa da estação principal nesta cidade. Também a superestrutura da ponte sobre o rio Encano em breve deveria estar concluída esperando-se poder chegar de trem à estação de Indaial até o dia 15 de novembro. Foram realizadas até apostas pro e contra a realização deste evento na data aprazada. O representante da Companhia Estrada de Ferro, senhor engenheiro Scheffler, que aqui esteve inspecionando o andar das obras, por algum tempo, viajou para o Rio de Janeiro.

Nº 38 de 7.11.1908 — IMIGRAÇÃO SUÍÇA — Os colonos suícos que foram localizados nas cabeceiras do ribeirão Encano (ao pé do morro "Spitzkopf") receberam do Governo do Estado um auxílio

de Rs. 1:500\$000 para a construção da estrada. Esta importância lhes foi paga em dinheiro, em vez de lhes ter sido creditada em seus débitos pela compra das terras, o que veio amenizar a sua situação financeira, resolvendo muitos, em face disto, não abandonar a Colônia, permanecendo no local. Para a solução deste problema muito contribuiu a atuação do Superintendente, Sr. Alvin Schrader, que se interessou pela sorte dos colonos suíços, junto ao governo estadual.

Nº 38 — CINEMA: A “Empresa Julio Moura Cinematógrafo Pathé” que já apresentara sua primeira sessão cinematográfica, quarta-feira, dia 4 de novembro, anunciou para sábado, dia 7 de novembro nova sessão com programa escolhido, ao preço de Rs. 1\$000 para adultos e 500 reis para crianças, a entrada, havendo baile após a sessão do cinema.

Nº 39 de 11.11.1908. IMIGRAÇÃO — No começo do mês de Novembro chegou uma nova leva de imigrantes alemães que, por aliciação da Comissão de Imigração na Alemanha, havia deixado sua pátria em busca de uma melhor sorte no Brasil. Porém o Governo do nosso Estado só concede os favores que lhes foi garantido pela Comissão, como terreno gratuito, transporte ao local da colonização, auxílio pecuniário nos primeiros meses, etc., somente aos imigrantes que se destinam à nova colônia do governo em Braço do Norte, não concedendo estes favores para outras zonas do Estado, o que, certamente, os membros da Comissão na Europa não explicou devidamente aos imigrantes, daí a decepção destes que chegaram a Blumenau e a sua vontade de voltar ou de ficar na cidade a procura de emprego ou outra atividade. Aqui ainda há muita terra devoluta e o governo bem poderia conceder a estes imigrantes — comenta o jornal — que se propõem a se fixar em terras devolutas e cultivá-las, os mesmos favores dados aos que se fixam na Colônia do Braço do Norte.

ATO DE HONESTIDADE — Ainda no mesmo jornal foi publicado um anúncio, que diz o seguinte: — “Foi achado no trecho entre Badenfurt e Salto do Norte um lenço contendo dinheiro. Quem o perdeu pode recebê-lo com Emil Bennertz, Salto do Norte.”

Nº 42 de 21.11.1908 — BUGRES — Do Rio do Sul comunicam telegraficamente: “Os bugres irromperam novamente no Rio do Oeste e saquearam a casa de Carlos Bazil, ferindo êste e sua mulher”. Telegrama de igual teor foi dirigido ao Superintendente, que o retransmitiu ao Governador, pedindo urgente providências para garantir a vida dos moradores daquela região e proteção aos seus bens.

— Nº 44 de 28.11.1908 — BRUQUE — No dia 15 de Novembro realizou-se na vizinha cidade de Brusque a consagração da bandeira da Sociedade de Atiradores com um programa de grandes festividades. Apesar do mau tempo, grande massa popular e mais de 100 sócios lo-

taram o salão da sociedade. Após a oração do senhor Otto Gruber a bandeira foi entregue ao porta-bandeira Sr. Hermann Ristow. Por iniciativa do secretário da Sociedade, senhor Max Köhler a bandeira foi confeccionada na fábrica de bandeiras em Bonn (Alemanha), de onde o sócio Gottlieb Becker a trouxe para Brusque. A bandeira, que custou 500 marcos é uma obra prima de bordado. No banquete, que se seguiu à cerimônia de consagração, tomaram parte cerca de 70 pessoas.

À tarde houve disputa de bolão entre as senhoras e de tiro ao alvo entre os sócios. Uma banda de música abrilhantou a festa e também a Sociedade de Cantores, sob a direção do maestro Tietzmann contribuiu pelo brilhantismo da festa com recital de canções. À noite houve um animado baile que durou até ao amanhecer.

Curiosidades de uma época - V

J A M M E R T A L

BAIRRO DO BOM RETIRO

S. C. Wahle

A origem de tão expressivo nome para o atual bairro do Bom Retiro sempre foi objeto de curiosas discussões.

Meu avô trabalhou quase três decênios em uma indústria têxtil no Bom Retiro, tendo mesmo chegado a morar no bairro.

"É sabido", dizia-me ele, "que todos os ribeiros afluentes do Itajaí Açu (nos tempos em que a palavra poluição era ainda desconhecida, ou então, somente encontrada nos dicionários) tinham suas margens cobertas de uma planta chamada INHAME, da família das Aráceas, que os colonos aprenderam a saborear. Das folhas, fazia-se espinafre, e os tubérculos eram os substitutos naturais da batata inglesa, INHAME, por falta de equivalente europeu, pois é uma planta nativa do Brasil, não tinha tradução para o alemão e entrou para o linguajar dos colonos como JAMMER, homófono de INHAME. Tendo, o riacho do Bom Retiro, condições favoráveis para esta planta, a qual supria, nos primeiros tempos, o centro da colônia, veio a denominar-se JAMMERTAL, o que nada tem a ver com o Vale das Lamúrias, a não ser que tivesse sido por causa dos muitos trabalhadores que diariamente passavam por esse vale para ganhar o seu subsídio, numa época em que o homem andava desprotegido socialmente, trabalhando uma vida toda, do levantar ao pôr do sol, sem direito a férias, sem assistência médica, sem aposentadoria". . .

DIA 1.º — Foi encaminhada à Câmara de Vereadores, pelo prefeito Renato Vianna, mensagem contendo projeto de lei propondo os nomes de Adolfo Wruck, Maria Schlei e Amaro Schneider para ruas localizadas, respectivamente, nos bairros do Asilo, Itoupava Norte e Ponta Aguda e, ainda, ruas Casa Branca e Liberdade, ambas localizadas no loteamento Reinoldo Holz, na rua dos Caçadores.

*

DIA 1.º — A Prefeitura de Blumenau, através da Secretaria de Saúde e Bem Estar Social, deu início à programação de encerramento de 53 cursos pré-profissionais femininos e profissionais masculinos, ministrados no primeiro semestre através dos 24 centros sociais disseminados pelos bairros, atingindo ao número de 619 pessoas.

*

DIA 2 — Faleceu às 5 horas da manhã, vítima de mal súbito, o sr. Cristiano Theiss, chefe de tradicional e benquista família blumenauense, dentre eles o economista Felix Cristiano Theiss, ex-prefeito de Blumenau. Cristiano Theiss, que perdeu a esposa em outubro de 1980, nasceu em Gaspar, a 24 de maio de 1916, falecendo, portanto, aos 65 anos de idade. Seu corpo foi velado na sua residência à rua Amazonas, de onde saiu para ser sepultado, no dia seguinte pela manhã, com grande acompanhamento.

*

DIA 5 — Cerca de mil pessoas compareceram ao Aero Clube de Blumenau para assistir o espetáculo de pára-queda promovido pelos Icaros do Vale, quando 14 novos pára-quadistas fizeram seu primeiro salto, tendo se realizado na quele dia, ao todo, 24 saltos.

*

DIA 7 — Teve início, no Tabajara Tênis Clube, um movimentado Torneio de Skat, que contou com a participação de representações do Guarani E.C., Tabajara Tênis Clube, Centro Cultural 25 de Julho e Sociedade Desportiva Vasto Verde além de Veteranos da cidade. O primeiro colocado, nesta primeira etapa, foi o Guarani, com 5.760 pontos, seguindo-se o C.C. 25 de Julho com 5.501, o Tabajara T. Clube com 4.910, o Vasto Verde com 4.120 e o Veteranos, com 2.739 pontos.

*

DIA 10 — Comunicado da Prefeitura de Blumenau, através do Serviço de Saúde Escolar, indicam que foram atendidos mais de 1.700 alunos em 15 escolas do interior do município, durante o primeiro semestre do ano, no programa traçado que consiste no exame biométrico, quando também foram constatados males como pediculose, escabiose, diodermites, verminoses e deficiência visual.

*

DIA 12 — O atleta blumenauense Eduardo Gomes estabeleceu, em São Paulo, o recorde sul americano do decatlo, ao participar das provas realizadas na capital paulista. Eduardo pertence à equipe da Cia. Hering e é integrante também da CME de Blumenau.

*

DIA 14 — A Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Blumenau, entregou ao prefeito Renato Vianna, o relatório das atividades registradas no mês de junho, quando a Patrulha Mecanizada trabalhou 1.060 horas com os tratores esteiras e micro-tratores, atendendo 213 propriedades rurais.

*

DIA 15 — Divulgação feita pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, setor de Blumenau, informa que, no primeiro semestre do corrente ano, o SENAC-Blumenau formou 3.587 novos técnicos em 26 cursos promovidos na escola que funciona no bairro de Ponta Aguda.

*

DIA 15 — A imprensa local divulgou amplos detalhes das renovações efe-

tuadas nas instalações do Hospital Santa Catarina, que, dia 26 de junho, registrou a passagem dos 61 anos de sua fundação.

*

DIA 17 — Foi aberta, na Galeria Municipal de Artes, a Coletiva "Criaturas II", promovida pela Funarte, de Brasília, com o Dep. de Cultura Municipal.

*

DIA 17 — O coral Camerata Vocale apresentou-se no Centro de Ensino Profissional do Garcia, oferecendo ao grande público um vastíssimo programa de seu repertório.

*

DIA 19 — Realizou-se na Galeria Municipal de Artes, a abertura da Exposição PANARTE — Panorama Catarinense de Arte, promovido pelo Depto. de Cultura da Prefeitura.

*

DIA 19 — No Teatro Carlos Gomes, teve lugar o concerto em comemoração ao 10.º aniversário da Escola Superior de Música de Blumenau, apresentando MÚSICA DE CAMARA.

*

DIA 21 — Chegou a Blumenau, procedente de Weingarten, uma delegação de visitantes alemães, tendo como guia o professor Germano Suessegger. Os visitantes foram os srs. Maucher, vereador, Rief, técnico em madeiras e Lay, professor e colega do prof. Germano.

*

DIA 21 — Promovido pela Associação Brejeiros da Madrugada, de Rio do Sul, realizou-se, no salão Paroquial daquela cidade, o lançamento do livro "Meu Chão", de Enéas Athanázio.

*

DIA 21 — Faleceu, em Blumenau, o mais antigo radialista de Blumenau, Manoel Pereira Júnior, que foi pioneiro no rádio catarinense.

*

DIA 25 — Transcorrendo o Dia do Imigrante, realizou-se na sede do Centro Cultural 25 de Julho a apresentação do grupo folclórico do "Donau Schwaben", de Guarapuava, Paraná, com músicas e canções, danças folclóricas, etc.

*

DIA 31 — Foi anunciado pelo Eng.º Paulo Bayer, diretor da URB, que aquela empresa de pavimentação concluiu, do dia 20 de junho a 30 de julho corrente, a pavimentação de 2.926 metros quadrados de ruas, cujo custo atingiu a Cr\$ 3,2 milhões de cruzeiros.

"IMAGENS DE BLUMENAU"

Com esta denominação o Departamento de Cultura da Secretaria da Educação, com o apoio da TV Coligadas, realizará no dia 24 de setembro uma exposição de fotografias antigas de Blumenau, nas dependências da Galeria Municipal de Artes, à Rua Ângelo Dias 195.

Nesta mostra, agora em sua 2ª edição, a FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU" ocupará toda uma sala, onde exhibirá os exemplares mais expressivos e de maior significado histórico, ligados às raízes e evolução social da gente do Vale do Itajaí. Os documentos expostos pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" pertencem à Fototeca do Arquivo Histórico de Blumenau, mantido pela Fundação.

Os blumenauenses interessados em exhibir algumas fotos de sua propriedade, devem dirigir-se ao Arquivo Histórico de Blumenau (Alameda Duque de Caxias, junto ao Museu da Família Colonial) ou diretamente ao Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau.

Frédéric Brustlein

Elly Herkenhoff

.. No dia 22 de fevereiro de 1911 — há 70 anos portanto — falecia, na idade de 76 anos, o engenheiro Frédéric Brustlein, um dos mais eminentes vultos de nossa História.

Nasceu a 25 de maio de 1835 na Alsácia — o secular pomo de discórdia entre franceses e alemães, tendo sido a Região — bilingüe — ora alemã ora francesa. Em 1835 pertencia à França e após a Guerra Franco-Alemã de 1870/71, vencida pela Alemanha, foi incorporada como “Reichsland” ao então “Reich” Alemão, até voltar à França no final da I Guerra Mundial.

Deste modo, o engenheiro F. Brustlein nasceu francês e faleceu alemão, naturalizado brasileiro.

Veio para Joinville em 1865, como procurador e administrador dos bens aqui pertencentes ao Príncipe de Joinville e ao Duque de Aumale e, tendo se integrado rapidamente na pequena comunidade da colônia Dona Francisca, já em 1875 foi nomeado Diretor da Colônia, assumindo o cargo a 6 de julho daquele ano. Embora administrando dois cargos de enorme responsabilidade, Brustlein soube desempenhar as duas funções, “servindo a dois senhores, com raríssima habilidade”, segundo expressão do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), de fevereiro de 1911, em extenso necrológio dedicado ao engenheiro falecido. E continua o jornal:

“É precisamente no setor da colonização, que ressaltam os maiores méritos de F. Brustlein. Sem a sua perspicácia, o seu senso prático, a sua força de vontade, aliados à sua brandura, Joinville não teria alcançado o desenvolvimento que teve, e não seria a cidade que hoje realmente é. Somente um homem que possui a compreensão exata das condições difíceis dos imigrantes estabelecidos numa colônia recém-fundada e somente quem se compadece da miséria de seus semelhantes, pode alcançar o que ele conseguiu. Não haverá, de certo, expressão mais dignificante para um homem em posição de tamanha responsabilidade, do que aquela que se ouvia em toda a parte, por ocasião de sua despedida do cargo: “Um Brustlein não teremos nunca mais!” — expressão esta ainda inúmeras vezes confirmada, em todas as ruas e estradas”.

Como administrador dos bens do Príncipe tomou a iniciativa de construir o Palácio dos Príncipes ou, como então se dizia, a “Maison de Joinville” (Casa de Joinville), que hoje abriga o Museu de Imigração e Colonização. A construção foi terminada em 1870, custando a fabulosa soma de 17:821\$261 Réis.

Ainda não existia, então, a Alameda das Palmeiras, pois somente em 1867, o então Diretor da Colônia, Louis Niemeyer, havia trazido sementes das palmeiras do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e somente em 1873, quando a “Maison de Joinville” já contava 3 anos, é

que Brustlein mandou proceder ao plantio das palmeirinhas, que hoje dão o aspecto ímpar, majestoso à nossa Alameda Brustlein, no centro de Joinville.

Sempre com a atenção voltada para a melhoria do tráfego tanto na Colônia como também entre Joinville e o porto de S. Francisco — de vital importância para a vida econômica das duas cidades — Brustlein já em 1869 adquiriu uma pequena lancha a vapor em Hamburgo, aumentando assim o número de lanchas aqui existentes para 6.

Em 1878 comprou na França, por intermédio de um amigo, o vaporzinho “Vedette”, aqui rebatizado “Babitonga” e que, durante décadas a fio, prestou incontáveis serviços, com o seu percurso diário entre Joinville e S. Francisco, não apenas às duas cidades, mas também a toda a região do Norte Catarinense.

A 20 de maio de 1879 o Babitonga fez a sua estréia como “rebocador”, trazendo o rio Cachoeira acima, um hiate com 113 imigrantes desembarcados pelo navio “Montevideo” e suas bagagens. O nosso vaporzinho fez o percurso até S. Francisco em duas horas e meia, levando 30 passageiros, quando na volta, rebocando o hiate com passageiros e bagagem levou apenas duas horas.

A 5 de outubro de 1883 foi lançada às águas do Cachoeira um vapor mais possante que o Babitonga, construído nos estaleiros de F. Brustlein. Era o vapor Dona Francisca, com máquina de 25 HP e vários camarotes para o transporte de passageiros.

Após a sua naturalização, Brustlein começou a participar da vida política, sendo eleito Presidente da Câmara (Prefeito) já em 1886. Em 1888 foi eleito Deputado Provincial e, proclamada a República, foi o primeiro Superintendente (Prefeito), de 1895 a 1898. Durante a sua gestão introduziu inúmeros melhoramentos, como a parcial canalização do Rio Cachoeira, assim possibilitando a construção do cais, no lado direito do rio. O encanamento de água foi outra importante obra daquele período, assim como o ajardinamento da Praça do Mercado, hoje Jardim Lauro Müller e de outros lugares públicos. Em 1898 comprou da viúva Hasse a área situada à Rua do Príncipe, onde em seguida foi construído o edifício da Câmara Municipal, no lugar em que hoje se localiza o prédio da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo.

Como não podia deixar de ser, Brustlein era abolicionista intransigente. Conta o “Kolonie-Zeitung” de 20 de abril de 1887 o seguinte:

“O Sr. Dr. F. Brustlein acaba de possibilitar a libertação de um escravo, emprestando-lhe a importância exigida pelo seu dono para a alforria. Agora o negro trabalha na residência do Sr. Brustlein, onde vai amortizando a sua dívida, descontando mensalmente determinada quantia do salário que recebe”.

Em março de 1896, a Cidade foi alarmada com o falecimento

de uma pobre mulher, na zona do Porto. Era a febre amarela — motivo mais do que justificado para assustar a população. A casa foi isolada, o trânsito nas proximidades interdito e vários carroceiros se negaram a levar o corpo para o cemitério — quando apareceu o Superintendente em pessoa, levando em sua própria carroça o corpo da mulher, para ser dado à sepultura.

Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M^a Vanzuita Petry)

Transcrição do livro 1 do “REGISTRO DAS INFORMAÇÕES E DESPACHOS DE TERRAS” da Câmara Municipal de Porto Belo — 1838 a 1843

Registro da informação dada pela Câmara em uma Petição de José Henriques Flores, morador na Freguesia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, em que pede ao Exm^o Sr. Presidente da Província uma légua de terras em quadra na margem do Oeste do Ribeirão do Belchior braço do Rio Itajaí, na qual obteve despacho de S. Excia. de 26 de Janeiro de 1842 em que manda informar à Câmara

INFORMAÇÃO

Ilm^o Exm^o Sr. Presidente — A Câmara Municipal da Vila de Porto Belo, em virtude do Despacho de V. Excia. de 26 de Janeiro do corrente ano, tem a informar a V. Excia. que, procedendo às deligências da lei sobre se a pretensão requerida pelo suplicante se estão devolutas, porquanto a esta Câmara não apresentou reclamação alguma, e, à vista das respostas dos Éreos e informação do Administrador da Colônia, V. Excia. determinará o que achar justo. Vila de Porto Belo, 12 de Julho de 1842. João da Cunha Bitencourt — Bernardo Dias da Costa — Antônio Moreira da Silva — Antonio de Souza Medeiros — Antonio José Medeiros — João Correia Rebello.

Registro da Informação dada pela Câmara em uma Petição de Antonio Fernandes do Carmo, morador da Freguesia do Santíssimo Sacramento de Itajaí em que pede ao Exm^o Sr. Presidente da Província duzentas braças de terras de frente com quinhentas braças de fundos das terras das Colônias do Ribeirão Gaspar, da qual obteve Despacho para esta Câmara informar — de 23 de Novembro de 1840 —

Informação — Ilm^o e Exm^o Sr. Em virtude do Despacho de V. Excia. de 23 de Novembro de 1840 proferido na Petição do suplicante Antonio Fernandes do Carmo, esta Câmara tem a informar a V. Excia. que procedendo às providências da Lei e resposta dos Éreos e não havendo reclamação a esta Câmara, a mesma se acha nos termos de ser o suplicante atendido, porém com tudo V. Excia. mandará o que for devido.

Vila de Porto Belo, 20 de Julho de 1842 — João da Cunha Bitencourt — Bernardo Dias da Costa — Antônio de Souza Medeiros — Antonio José de Medeiros — João Corrêa Rebello.

Movimento na Biblioteca

Dr. Fritz Mueller

O número de consulentes inscritos na Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller continua crescendo. No mês de julho 231 inscrições (incluídas as 106 da Biblioteca Ambulante) vieram juntar-se às quase 6 mil efetuadas desde a criação da Biblioteca.

Em julho foram 925 os empréstimos, sobressaindo-se a LITERATURA com 676 cessões. No recinto da Biblioteca foram feitas 1.069 consultas. Na Biblioteca Ambulante, com um acervo de 2.820 exemplares, o movimento foi de 1.761 volumes emprestados e 15 consultas.

Deram entrada em julho na Biblioteca 487 obras, atingindo o acervo atual 66.247 exemplares devidamente catalogados e à disposição dos interessados.

Conforme dados apresentados pelo serviço de estatística, os livros mais procurados no decorrer do mês de julho foram "Viver é Amar", de J. Mário Simel; "O Tempo do Silêncio", de Neimar de Barros; e "Luar Sobre as Estepes", de Heinz G. Konsalik.

Ainda no mês de julho os leitores mais assíduos foram Ercita Buetner, Suzana Butzke e Cristiane Hochleitner.

ÚLTIMAS AQUISIÇÕES

Entre as aquisições efetuadas pela Biblioteca Pública no mês de julho estão as obras "Um Certo Sorriso" de Françoise Sagan, "Obra Reunida" de Emílio de Menezes, "Histórias da Minha Vida" de Jean Marais, "A Casa do Meu Avô" Carlos Lacerda, "Duas Semanas em Roma" de Irwin Shaw, "Ragtime" de E.L. Doctorow, "Sempre um Colegial" de John Le Carrê, "Poder do Pensamento Positivo" de Norman Vicent Peale, "Uma Mulher Dedicada" de Helen Von Slyke, "A Última Esperança" de Frank G. Slaughter, "Autobiografia" de Agatha Christie, "Todas as Visitas Devem ser Anunciadas" de Helen Von Slyke, "Luar Sobre as Estepes" de Heinz G. Konsalik, "Papisa Joana" de Lawrence Durrell, "O Jogo das Contas de Vidro" de Hermann Hesse, "Sara T. (Retrato de uma jovem alcoólica) de Robin S. Wagner, "Farda Fardão Camisola de Dormir" de Jorge Amado, "1440 Minutos de Mulher" de Léa Maria de Guida Chataig, "Navio Mágico" de Sandra Paretti, "A Ira dos Anjos" de Sidney Sheldon, "O Sol é para Todos" de Harper Lee, "Viver é Amar" de J.M. Simmel, "Caminhos para uma Vida Feliz" de Leonel Santini, "O Tempo do Silêncio" de Neimar de Barros, "Deus Negro" de Neimar de Barros, "Médico de Stalingrado" de Heinz G. Konsalik, "Eu Venho (Memorial do Cristo)" de Dinah Silveira de Queiroz, "Eterno não é para Sempre" de Helen Von Slyke, "Ninguém quer um Coração" de J.M. Simmel, "Deus Está Atrasado" de Christine Arnothy, "Bom Dia Tristeza" de Françoise Sagan, "Glorioso Médico e Apóstolo" de Taylor Caldwell, "Redenção" de Paulo Coelho Neto, e "Palácio de Gelo" de Edna Ferber, entre outros.

TV Catarinense doou filmes à Fundação Casa Dr. Blumenau

Após contatos mantidos entre a Fundação Casa Dr. Blumenau e a TV Catarinense, ficou decidido que todo o acervo filmográfico estocado na TV Coligadas seria doado ao Arquivo Histórico de Blumenau.

O acervo doado (três metros cúbicos de filmes) integrará e completará substancialmente a filмотeca do Arquivo.

Em contrapartida o Arquivo Histórico se responsabiliza pela catalogação e arquivamento dos filmes cedidos, permanecendo, no entanto, à disposição da TV, sempre que a doadora desejar.

Blumenau no Simpósio Nacional de Ecologia

O assessor especial do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau Alceu Natal Longo que participou em Belo Horizonte, Minas, do III Simpósio Nacional de Ecologia informou que entre os 109 trabalhos apresentados, discutidos e submetidos à aprovação das comissões técnicas, dois foram elaborados por Blumenau. Um deles trata da "Responsabilidade dos Municípios no Controle dos Problemas Ambientais" e foi aprovado na Comissão de Direito Ambiental.; O outro, apresentado à Comissão de Educação, discute a "Conscientização Ecológica e Mobilização Comunitária".

A primeira moção, segundo o informante, sustenta a necessidade de uma ampla reforma tributária que devolva ao município sua parcela justa das arrecadações, fortalecendo-o, para que possa assumir sua responsabilidade no controle dos problemas ambientais. A moção sobre conscientização ecológica, de autoria de Alceu Longo, Paul Cristelli e Karin Miche, que defende a necessidade de uma integração do poder público e da iniciativa privada na área da educação ambiental, foi aprovada em Assembléia Geral.

Alceu Longo destacou entre os temas aprovados em assembléia, a rejeição unânime às instalações de usinas nucleares no Brasil; a necessidade de profundas mudanças no modelo de desenvolvimento do País de modo a possibilitar uma participação efetiva do povo nas decisões que envolvam o destino de seus recursos naturais e de sua qualidade de vida; a necessidade de um reordenamento institucional e jurídico do País (tese da constituinte) para dar condições de se procederem mudanças na legislação ambiental, a necessidade de que as associações conservacionistas privadas possam, de direito, acionar as empresas e pessoas físicas que comprometem a qualidade de vida de suas comunidades.

AEROCULUBE DE BLUMENAU EM FRANCA ATIVIDADE

A mocidade blumenauense está cada dia mais empolgada com as emoções que proporciona a pilotagem de um avião. Tanto assim que nada menos do que cinqüenta jovens estão inscritos no atual curso pilotagem, sendo que uma turma faz o curso técnico à noite e a outra nos fins de semana. Para o treinamento prático, o Aero Clube dispõe, hoje, de quatro aviões, sendo: um de marca "Tupi", fabricado pela EMBRAER e com quatro lugares (treinamento avançado), um Citabria e dois Paulistinhas para treinamento inicial, sendo que um outro Paulistinha acha-se em recondicionamento de motor. Com esta frota, o Aeroclube não terá dificuldades em "brevetar" os 50 alunos que hoje preparam-se para libertar-se nas alturas, realizando aquilo que foi o grande sonho e realização de Alberto Santos Dumont — voar num aparelho mais pesado que o ar.

A propósito, o Aeroclube de Blumenau terá uma programação especial nos dias 18,19 e 20 de setembro, quando, organizado pelo Jornal de Santa Catarina, em comemoração aos seus dez anos de fundação e em regosijo pela passagem do sesquicentenário da imprensa catarinense, promoverá uma festa, cuja renda reverterá em favor do Aeroclube. Naquele dia deverão acontecer, no Aeroporto Quero-Quero, muitas acrobacias aéreas e saltos de paraquedistas, além de outras atrações.

A opinião dos que nos visitam

O QUE DIZEM OS TURISTAS A RESPEITO

DO MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL

— É emocionante estarmos aonde uma família viveu bons e maus momentos aqui no século passado. Cada objeto deste Museu tem sua história e valor. — Luiz Resendo de Castro e Senhora — São Paulo.

XXX

— Nossos cumprimentos pela variedade e riqueza de informações presentes no Museu da Família Colonial. Nossos votos de permanente cuidado da população desta cidade, na preservação de sua história. — Luiz Eduardo Garcia — Dora Regina Z. Garcia — São Paulo.

XXX

— Devido ao caráter didático do que nos é mostrado, torna-se este Museu da família Colonial de Blumenau, algo de fantástico, pois parece-nos que a qualquer momento, os donos das roupas e objetos sairão andando, como se não houvesse fronteira entre a vida e a morte. — Reinaldo Grilo Filho — Sorocaba — Artur Firmiano Wolff — Limeira — SP.

— É tudo tão fantástico, feito com tanto amor, neste Museu, que, antes de mais nada, conclui-se que só as coisas boas, “curtidas”, é que permanecem e immortalizam as pessoas. — Sebastião Cesar Evangelista — Florianópolis.

XXX

— Este Museu é uma lição de cultura e preservação da tradição que Blumenau dá a todos os visitantes. Precisamos seguir seu exemplo. Um acervo tão vasto e diversificado, amplia nossos conhecimentos e faz com que admiremos as coisas do passado — Maria Aparecida Meireles Lenorato. — Wilson Roberto Lenorato — Sissel Maria de Meireles Lenorato — Maria Aparecida Aguiar Meireles — Francisco Pinto Meireles — RJ.

XXX

— Um agradecimento muito especial a vocês que mantêm esta casa histórica — Museu da Família Colonial —, pois é o passado vivo de nossos ancestrais. Da paulista Nilza Santos Verissimo.

XXX

— Parabéns ao povo catarinense e, em especial, à população de Blumenau, pelo magnífico acervo histórico contido no Museu da Família Colonial da cidade. — Neuza M. Ferreira — Rio de Janeiro.

XXX

— Achei o Museu da Família Colonial bem organizado. Registra historicamente bem detalhado sobre a pessoa do Dr. Blumenau, transmitindo nos objetos os reflexos de sua forte personalidade. — Parabéns. — Obs: — O Cemitério de Gatos, para mim inédito, transmite o amor aos animais e o bom coração de dona Edite. — Eneide M. Nicodemo — Guarapari.

XXX

— Meus parabéns aos organizadores do Museu da Família Colonial por sua sábia decisão de fundar este Museu aqui em Blumenau. É maravilhoso, por seu intermédio aprendermos a encarar com mais confiança o futuro, quando sabemos algo do passado. Muito bem organizado, porque por intermédio dele aprendemos algo sobre o passado do nosso povo. — Udo Fridolino Krummenauer — São Miguel do Oeste — SC.

XXX

— Como descendente de imigrantes alemães, fico muito feliz em ver que as nossas raízes estão guardadas e que as gerações futuras terão também o prazer que tenho em ver e conhecer melhor como eles viviam. — Hélio Kronenberg — Petrópolis — RJ.

XXX

— Na hora em que entramos aqui, pensamos estar vivendo os séculos passados. É adorável visitar este Museu da Família Colonial. Tínhamos curiosidade em conhecê-lo, pois é muito bem falado em todo o Brasil, não só no Brasil, como em outros países. — Devemos muitos agradecimentos às pessoas que fizeram estas doações para o Museu. — Maike Ruediger — Cianorte — PR.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívio Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

20 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

